

LINGUAGEM, TEMPO, SUBJETIVAÇÃO

AROLDO GARCIA DOS ANJOS¹;
DAIANE NEUMANN²

¹Universidade Federal de Pelotas – aroldodosanjos@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – daiane_neumann@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente discussão é derivada da dissertação intitulada *Lavar a névoa: o tempo em Satolep, de Vitor Ramil*, defendida no ano de 2020 no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, sob orientação de Daiane Neumann. Este trabalho filia-se ao campo das investigações acerca de uma antropologia histórica da linguagem, especialmente no que toca à busca de uma reflexão que não separe a linguística e a literatura. Inspirada na aproximação que Giorgio Agamben faz, em *Infância e história: ensaio sobre a destruição da experiência*, entre as concepções de linguagem de Walter Benjamin e de Émile Benveniste, a exposição tem por objetivo explorar a expressão da temporalidade na obra desses autores. Visando um outro lugar para a experiência humana, Agamben (2008) opõe-se à concepção de uma substância pré-subjetiva ou de um sujeito pré-linguístico. Para tanto, apoia-se em Benjamin, em sua crítica à expropriação da experiência, e em Benveniste, em sua consideração da linguagem como constituidora da história. Conceber a linguagem em sua dimensão simbólica faz com que ambos autores se contraponham a uma concepção de língua totalizante. Por consequência, presente em suas reflexões, a crítica à instrumentalidade da linguagem traz consigo desdobramentos para a forma como o tempo é concebido: de modo qualitativo, não simplesmente cronológico.

2. METODOLOGIA

Em um primeiro momento, será abordada a concepção de linguagem em Benjamin. Para essa discussão, serão de grande valia as leituras de Jeanne Marie Gagnebin (1999, 2005) e de Giorgio Agamben (2008). Oposta ao primado da razão, do sentido uno, da linearidade e da exposição sistemática totalizante, a perspectiva benjaminiana leva em conta a essência linguística do homem e tem a linguagem como constituinte de realidades, uma vez que não a toma como um simples instrumento ou meio para chegar a uma verdade. Serão apresentados, então, elementos da obra de Benjamin acerca do tempo, em especial do conceito de tempo-agora (*Jetztzeit*), pela crítica ao tempo linear e contínuo e pela consideração do presente como repleto de história. Para melhor compreensão dessa concepção particular de temporalidade, conceitos como os de origem (*Ursprung*) – em oposição aos de gênese (*Entstehung*) e de desenvolvimento (*Entwicklung*) – e o de história serão observados.

Em um segundo momento, será apresentada uma leitura de elementos da obra de Émile Benveniste com vistas a explorar a noção de tempo e a ideia de atualização da experiência, tendo em vista a indissociabilidade de subjetividade e linguagem. Para isso, serão revisitados conceitos como os de categoria de pessoa, dêiticos, expressões de temporalidade, discurso como atividade e enunciação.

Nesse percurso, uma atenção especial será dada aos diferentes tipos de tempo, como apresentados por Benveniste. Toma-se, assim, a obra de Benveniste como uma reflexão maior sobre linguagem enquanto constituidora do ser humano, conforme a leitura de Gérard Dessons (2006) com foco no que foi denominado por Henri Meschonnic (1982), em *Critique du rythme*, uma “antropologia histórica da linguagem”. Logo, a concepção de discurso é pensada como subjetivação, como processo de individuação. Dessons e Meschonnic definem a historicidade como “um elemento imprevisível”¹ (2003, p. 234) e a antropologia histórica da linguagem como um olhar sobre a história das sociedades humanas através da “crítica do estatuto da linguagem nas atividades sociais e nas representações culturais”² (2003, p. 233). Dessons (2006, p. 14) observa, com isso, uma ciência do homem desenvolvida a partir do que confere às relações humanas um significado sempre renovado, tomando cada presente de fala como específico, criação sem fim, construção incessante.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta breve apresentação, buscamos realizar uma reflexão sobre o tempo que levasse em conta a sua dimensão enunciativa. Para tanto, observamos a construção do tempo em Walter Benjamin e em Émile Benveniste – a partir da aproximação que Giorgio Agamben faz desses autores por suas concepções de linguagem. Apoiamo-nos, ainda, nas leituras de Jeanne Marie Gagnebin e de Gérard Dessons sobre as obras de Benjamin e de Benveniste, respectivamente. Nesse processo, os conceitos de “tempo-agora” (*Jetztzeit*) e de “enunciação” foram tematizados, tendo a noção de “atualização” como elemento aproximativo. Como observado, do ponto de vista teórico, esses conceitos possuem valores não equivalentes. No entanto, como uma consequência dessa aproximação, perguntamo-nos se o tempo-agora benjaminiano não se deixaria ser lido como um ato de enunciação distinto dos demais, respeitando suas particularidades.

Dessons (2006) considera que, “à luz de uma antropologia da linguagem, o tempo da linguagem aparece, portanto, como o único evento, no sentido de levar os falantes ao estatuto de sujeitos, inscrevendo-os na história, uma história que só existe através dessa instanciação”³ (DESSONS, 2006, p.119). Decorre daí uma inadequação entre tempo crônico (espacialista) e linguístico (radicalmente enunciativo). A propriedade original da linguagem, de reinventar o presente a cada enunciação, é a constituição da historicidade. Tal concepção opõe-se ao historicismo do tempo crônico, de base sucessivista: “Toda nova enunciação funda a temporalidade a partir de um presente sempre novo”⁴ (DESSONS, 2006, p. 120). O presente da enunciação funda, assim, a temporalidade e é gerador da subjetivação.

A historicidade radical aqui discutida relaciona-se diretamente com a concepção saussuriana de *valor*. Hans Lösenner observa que, em Saussure, os

¹ Tradução nossa. No original: “L'historicité est un élément imprédictible”.

² Tradução nossa. No original: “la critique du statut du langage dans les activités sociales et dans les représentations culturelles”.

³ Tradução nossa. No original: “Au regard d'une anthropologie, le temps du langage apparaît donc comme le seul événement, dans le sens où il fait advenir des parlants au statut de sujets en les inscrivant dans l'histoire, une histoire qui n'existe que par cette instanciation même”.

⁴ Tradução nossa. No original: “Chaque nouvelle énonciation fonde la temporalité à partir d'un présent toujours nouveau”.

valores dos elementos linguísticos estão “em um fluxo constante” e que, por essa razão, “também os sistemas que formam os valores e que são formados por eles estão sempre em movimento” (2021, p. 10). Segundo Benveniste (2005, p. 131), em toda tomada da palavra, o mundo recomeça, ainda que o falante comum não o perceba. Dessons (2006, p. 13) argumenta que, nos escritos de Benveniste, o prefixo *re-* possui um peso teórico, pois é portador do valor de iteração e de invenção, assim como os pronomes *je* e *tu*. Tal ideia é derivada do “pensamento da historicidade da linguagem que especifica cada presente de fala” (DESSONS, 2006, p. 14).

Para Benjamin (1987, p. 229-230), o tempo-agora, concebido como uma interrupção brutal do *continuum*, é um instante de intensidade e condensação do passado no agora, do qual emerge o valor político. Dito de maneira simples, o *Jetztzeit* é enunciação, mas nem toda enunciação é um *Jetztzeit*. Pensamos que, como conceito, as particularidades do tempo-agora colocam foco em um aspecto da enunciação, ressaltando seu estatuto semântico-pragmático. Enunciar é agir, mas nem todo agir possui o mesmo valor. Benveniste afirma que só temos acesso ao presente, pois a instância de fala constrói o passado retrospectivamente; Benjamin, por sua vez, frisa que esse presente é repleto de história, uma vez que dialoga com outros discursos que, tendo sua enunciação evanescida, são revisitados, ressignificados. Segundo os autores, temos acesso somente ao presente, mas há a memória, acessada e reconstruída pelo presente, pela voz. O passado que emerge no presente, evocado pela memória, é sempre singular, posto que atualizado pela língua em uma nova instância enunciativa, em um novo tempo e espaço. A enunciação, o tempo da coincidência do acontecimento com a instância de fala, é o tempo da voz, onde há sujeito e, portanto, história. Nesse sentido, Benjamin e Benveniste parecem complementar-se.

4. CONCLUSÕES

Como resultado da provocação de *Satolep* e da pesquisa operada nas obras de Benjamin e de Benveniste, pode-se perceber a emergência de uma concepção de linguagem e de tempo que se afasta de pensamentos essencialistas, assim como o fez Saussure ao ponderar sobre a gênese do pensamento: “surpreendemos, em lugar de ideias dadas de antemão, valores que emanam do sistema” (SAUSSURE, 2012, p. 164). Na base do pensamento de ambos os autores, encontra-se a reflexão da atualização como um termo maior. A *actualisation* de Benveniste está intimamente ligada aos domínios semiótico e semântico, sendo um elemento que liga as primeiras reflexões de Benveniste sobre os pronomes até a noção de enunciação, em seus últimos escritos, posto que a língua “é a única atualização da comunicação intersubjetiva” (BENVENISTE, 2006, p. 63). A *Aktualisierung* de Benjamin é o que lhe permite metodologicamente pensar um materialismo histórico que tenha aniquilado em si próprio a ideia de progresso: “Seu conceito fundamental não é o progresso, e sim a atualização” (BENJAMIN, 2009, p. 502). O aspecto labiríntico de *Satolep* nos ajuda, nesse percurso, a observar que toda enunciação é interrupção do aparente fluxo linear cronológico, uma vez que funda um novo tempo-espaço, uma nova temporalidade. Em suma, é próprio do homem ressignificar, e podemos falar de subjetividade e de um tempo experienciado, histórico e humano, porque falamos de interrupção do fluxo cronológico, porque falamos justamente de atualização.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, G. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Tradução: Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.
- ANJOS, A. **Lavar a névoa**: o tempo em *Satolep*, de Vitor Ramil. Dissertação de mestrado. Orientação: Daiane Neumann. Programa de Pós-Graduação em Letras. UFPel, 2020.
- BENJAMIN, W. **Origem do drama barroco alemão**. Tradução, apresentação e notas: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, Vol. I. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, W. **Passagens**. Tradução: Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução: Maria Novak e Maria Neri, revisão de Isaac Salum. Campinas: Pontes Editores, 2005.
- BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução: E. Guimarães, M. Escobar, R. Figueira, V. Castro, J. Geraldi, I. Koch, com revisão técnica de E. Guimarães. Campinas: Pontes Editores, 2006.
- DESSONS, Gérard. **Émile Benveniste**: l'invention du discours. Paris: In Press Eds, 2006.
- DESSONS, Gérard; MESCHONNIC, Henri. **Traité du rythme** – des vers et des proses. Nathan: Paris, 2003.
- GAGNEBIN, J. **História e narração em Walter Benjamin**. 2. Ed. São Paulo, Perspectiva, 1999.
- GAGNEBIN, J. Do Conceito de Darstellung em Walter Benjamin ou Verdade e Beleza. **KRITERION**, n. 112, Belo Horizonte, p. 183-190, 2005.
- LÖSENER, Hans. Saussure e a historicidade da língua. **Revista Odisseia**, v. 6, n. 1, p. 1-17, 11 jun. 2021. Tradução: Aroldo Garcia dos Anjos.
- MESCHONNIC, Henri. **Critique du rythme : anthropologie historique du langage**. Lonrai: Éditions Verdier, 2009.
- RAMIL, Vitor. **Satolep**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.
- YUN, Mi-Ae. **Walter Benjamin als Zeitgenosse Bertolt Brechts: Eine paradoxe Beziehung zwischen Nähe und Ferne**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2000.